



Reprodução da TV



João Luiz Albuquerque, repórter de O Dia, agride o goleiro reserva, Ivã, e corre: "Choque acidental"



ÍNDICE:

1-Objetivo.....	3	
2 - Resumo	ESTUDO SOBRE AS METÁFORAS MAIS	3
	COMUNS NO	
3-Contos de um Universo Específico.....		5
	COTIDIANO DO JORNALISTA ESPORTIVO	
	O jogador no Vestuário.....	5
	O jornalista na Redação.....	8
4- Metodologia.....		11
	Apresentação dos Veículos de Comunicação Estudados.....	11
	Relação das metáforas mais usadas no cotidiano do	
	jornalista.....	11
	Revelações sobre essas metáforas.....	11
5-Discussão & Solução (ou uma séria tentativa de).....		14
6- Referências Bibliográficas.....		25

MONOGRAFIA APRESENTADA AO LABJOR/LABORATÓRIO DE
JORNALISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-
UNICAMP , COMO REQUISITO PARCIAL À
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
JORNALISMO ESPORTIVO

1997

ÍNDICE:

1-Objetivo.....	3
2 - Resumo.....	3
3-Contos de um Universo Específico:.....	5
O jogador no Vestiário.....	5
O jornalista na Redação.....	8
4- Metodologia:.....	11
Apresentação dos Veículos de Comunicação Estudados.....	11
Relação das metáforas mais usadas no cotidiano do jornalista esportivo.....	11
Revelações sobre essas metáforas.....	11
5-Discussão & Solução (ou uma séria tentativa de).....	14
6- Referências Bibliográficas.....	25

OBJETIVO

O estudo das metáforas usuais do jornalismo esportivo tem o sentido de discernir se, e até que ponto, a linguagem bélica, destrutiva e dramatizada, influencia e colabora para aumentar o conflito social contemporâneo.

RESUMO

ÁREA :Jornalismo Esportivo

ORIENTADORES: Ídico Luiz Pellegrinotti (Professor de Ciências do Esporte) e Alberto Dines (Jornalista/Editor do "Media Watch" eletrônico "Observatório da Imprensa")

A narração dos eventos futebolísticos no passado, gerou uma tradição terminológica a qual, aparentemente, o jornalismo esportivo moderno se acha incapaz de refutar. Essa linguagem _ toda ela dramatizada, bélica e destrutiva _ teve sua razão de ser . Entretanto, como tudo na vida, há o tempo certo para cada coisa: tempo de plantar, tempo de colher, tempo de renovar. É nesse tempo: o da necessidade de *renovação da linguagem esportiva*, que nos ateremos em nosso estudo.

No decurso da discussão sobre as revelações que o uso de metáforas bélicas me trouxe, as questões se ampliaram ,ficando bastante nítida a falta de percepção no jornalismo esportivo, como um todo, sobre questões profundamente

éticas e, também, de sua insensibilidade no trato com um assunto altamente emocionante. E público.

O redator de esporte parece agarrar-se à linguagem bélica _ herdada do tempo em que o futebol era jogado nos quartéis_ como se praticasse uma simbiose etimológica, esquecendo-se de que hoje, mais do que nunca _ devido à quantidade e rapidez com que nós, jornalistas, enviamos nossos sinais éticos_ o quarto poder passou para o primeiro lugar .

O jornalismo esportivo, esquecido de que os tempos mudaram, não só usa uma linguagem em desacordo com as necessidades do seu leitor, como pratica a falta de higiene moral _ toda vez que julga à priori, sem chances do(a) outro(a) se defender ; e falta de higiene mental, projetando suas “sombras” no escolhido do dia. Alguns, de personalidade distorcida, projetam-se inteiros (corpo e alma) em campo, agredindo fisicamente atletas e torcedores.

Em tempo: esse já foi devidamente julgado e punido por seus éticos colegas que, sem temer uma possível má reação do público, publicaram a notícia, também, nas seções de esportes de seus jornais.

Linguagem, Imagem em Ação, Ética, Psicologia, Espiritualidade, foram algumas das multidisciplinas nas quais baseei meu pensamento. Sem elas, uma abordagem lúcida e benéfica seria impossível.

Nessa caminhada, aprendi que nada mais é apenas parte de alguma coisa. Tudo faz parte de tudo, se relaciona, interage e se modifica, trazendo consequências. Não se colhe morangos onde se plantou sementes de giló.

Mas isso não deve assustar os novos viajantes: no final da jornada o que nos aguarda é um alívio muito grande de se ter descido na estação certa.

CENAS DE UM UNIVERSO ESPECÍFICO

O jogador no Vestiário

por Neide C.Wacker

Sentado à um canto, com a cabeça pousada entre as mãos, ele pensa. O barulho é infernal, dentro e fora do vestiário. Gritos, urros e pragas vêm das arquibancadas, onde as torcidas rivais se ofendem, exercitando-se num pré-aquecimento para a partida que acontecerá em poucos minutos. A água bate no piso dos chuveiros com força e ressoa junto às palavras debochadas e aos risos, dirigidos à ele.

Seus pensamentos são uma reafirmação de si mesmo, uma volta ao passado. Meu nome é Edenildo das Flores Junqueira, filho mais velho de 7 irmãos. Meu pai é o “Zezão”, aposentado da ferrovia e a minha mãe é a “das Flores”, a quituteira mais famosa da cidade. Ainda é, a velha “das Flores”. Ela fez escola com o seu tempero forte “de filha da Bahia”, como ela gosta de dizer.

Quando eu era menino, esperava o meu pai chegar do trabalho sentado na varanda da nossa pequena casa, olhando para as plantas da minha mãe, uma mistura de flores para pôr no vaso, plantas de curar e temperos de cozinha.

Eu só podia ir prá varanda depois de terminar a lição-de-casa, que a dona “das Flores” conferia, mesmo não entendendo uma só palavra. Se eu quisesse, poderia encher quatro folhas de caderno de números e letras agrupadas à esmo que ela não perceberia porque é analfabeta. Nunca fiz isso porque a amo demais.

Meu pai chegava, trocava o macacão pelo uniforme do time e me levava pela mão, até o campinho rente à ferrovia. Nós íamos rindo um para o outro, sentindo ambos, na pele, o calor do abraço da minha mãe e o seu cheiro doce de massa de bolo. Éramos felizes.

Aos domingos ela ajeitava um embornal com frango, farofa, laranjas e uma moringa d’água e nos levava a todos para o campo, ver o meu pai jogar. Junto ia até a Edenelda, minha irmã caçula, que ainda era um bebê de colo.

A gente sentava sobre uma toalha de banquete, à beira do barranco e torcia pelo meu pai com a boca cheia de frango e farinha. Era bom.

Uma vez minha mãe jogou um osso de galinha bem na nuca de um juiz ladrão, e a história se espalhou. "Estar merecendo um osso na nuca", virou jeito de chamar a atenção do outro para um negócio mal feito. A cidade cresceu e os novos não sabem o que isso quer dizer. É por isso. Por causa daquele dia de fúria da dona "das Flores".

Meu pai me ensinou tudo sobre futebol. Até esse meu jeito meio sonso de olhar para a frente, mas estar observando tudo com os cantos dos olhos. Meu pai conseguia sentir a chegada de um ladrão-de-bola às suas costas. Herdei esse tal de "olho-na-nuca". Mas acho que perdi muito do meu dom.

Ninguém me chama de Edenildo mais. Agora eu sou "o Gato", esteja eu aonde estiver. E esse apelido eu ganhei ao longo dos anos em que joguei no juvenil da minha cidade. E fui eu mesmo quem deu essa idéia de nome para a torcida.

Eu tinha treze anos e era a minha primeira partida jogada como centro-avante. Com o canto do olho direito eu ví o Mané descendo com a bola, driblando dois e passando a bichinha pro pé do Zé Galo. O Zé correu com ela levantada no peito e me passou, de cabeçada. Parei a bicha no ar. Da testa ela desceu pro meu peito e escorregou para os pés, nós dois na maior corrida rumo à trave. Larguei uns quatro caras estatelados no chão. Na porta do gol tinha dois me esperando. Joguei a bola no meio deles, que se atrapalharam. Dei a volta, peguei ela de novo, armei o chute com a direita, o goleiro subiu e metí a bola pela esquerda. Chutei tão forte que a bola rasgou a rede, ficando presa nela. E enquanto ela balançava, presa na rede, e o goleiro, caído no chão, cuspiagrama, eu dei um salto de uns dois metros. Em pleno ar levantei o braço, sacudí o corpo e gritei "MIAU". O jornalista que tirou a foto ampliou, enquadrrou e me deu de presente. A minha mãe começou a fazer um álbum de recortes com ela.

Eu costumava pendurar esse quadro do lado de dentro da porta do meu armário.

Eu ria demais naquela época. Eu estava rindo assim, numa festa, quando a menina mais linda da cidade parou na minha frente e me olhou bem séria. Os olhos dela diziam que me queria e o meu coração quase explodiu de amor. Por mim eu casava com ela alí mesmo, naquela hora. Mas fizemos as coisas direito: casamos um mês depois. Um dia tomei coragem e perguntei o que ela tinha visto para se apaixonar por um cara tão feio feito eu. Ela me trouxe um espelho, pediu que eu rísse e contasse o que via. Eu disse que via um feioso rindo, mas ela balançou a cabeça e disse que não: que quando eu ria parecia galã de novela. Fiquei na minha: em time que está ganhando não se mexe!

E motivos prá rir não me faltou. O dinheiro começou a entrar fácil. "Seu" Zezão e dona "das Flores" viraram um casal ilustre. A cidade se orgulhava deles e eles de mim. Mas isso tudo acabou. Quanto mais famoso eu fico, mais as pessoas me odeiam. Não confio mais em ninguém. "Neguinho" entra no jogo só prá dizer que acertou a perna do Gato. Aí eu revido. Minha mãe já não coleciona

mais as fotos. Chora, dizendo que não criou filho prá ver ele sendo chamado de “matador”. Eu disse que é coisa da imprensa. Vende jornais. É bom prá eles e aumenta o meu poder de negociação com os clubes. Só não posso deixar que algum repórter perceba que estou perdendo o meu dom. Isso seria o fim. Se eu pudesse sentir de novo aquela alegria...

_ “Vamo” trabalhar, negão. Sua torcida está te esperando!

Edenildo levanta a cabeça. Outro colega dá um tapinha no seu ombro. Ele reage se encolhendo.

_ Está com medo? debocha o outro, longe de saber que cutucava a ferida aberta do Gato, que encara o provocador com toda a fúria que seu olhar é capaz de lançar. O colega se assusta. Dá um pulo prá trás e concilia:

_ Calma, “matador”. Reserva essa ira pro adversário.

Quando ele entra no gramado a torcida delira. Com o canto do olho esquerdo ele vê três dos seus antigos colegas olhando-o com raiva. Pelo canto do olho direito ele vê seus novos colegas de time, confabulando contra ele. Com um suspiro derrotado, olha para a bola na mão do juiz como se olhasse para um inimigo.

O Jornalista na Redação

por Neide C. Wacker

No amplo salão o silêncio é quase absoluto, cortado apenas pelo leve zumbido do ar-condicionado. As cortinas estão cerradas e a iluminação vem das lâmpadas de néon instaladas no teto, filtrada por largas placas de acrílico.

Nas “baías”_ cubículos de seis metros quadrados, separados por armações de madeira compensada, de um pouco mais de um metro de altura_ os repórteres, redatores e copydesks digitam em seus computadores. Os editores-chefe trabalham dentro de “salas-aquário”, chamadas assim porque suas paredes são de vidro.

O editor-chefe do Caderno de Esporte do mais conceituado jornal do país pousa a xícara de café sobre a bandeja, dá mais uma olhada no salão e volta para sua escrivaninha. Ele conserva os antigos e pesados móveis que pertenceram ao seu mestre e guru profissional por mais de quatro décadas. Dele herdou não só os móveis mas, também, o cargo e, com esse, a responsabilidade de editar sobre o assunto mais polêmico do país: o futebol.

Sentado, com as mãos cruzadas na nuca, sorri ao pensar no desconforto que esse pensamento traz aos editores de política. Mas como fugir à realidade dos números? Pesquisa recente do Departamento de Marketing havia revelado que a venda de jornais cairia em 40% se o Caderno de Esporte fosse eliminado. Os outros 60% estavam distribuídos, quase que igualmente, pelas outras editorias. O futebol e as novelas eram os assuntos preferidos da massa e ponto!

Em 1974 ele era um jovem jornalista recém-diplomado, solteiro, magro e cabeludo. Morava com os pais numa rua calma da Vila Mariana, num sobradinho agradável. Sempre estudara em escolas públicas e pagara a faculdade de jornalismo produzindo programas para teatros e cinemas.

Tinha paixão por automobilismo, e escrever sobre isso era a única forma garantida de estar por perto dos campeões, mesmo que fosse só através dos boletins das agências internacionais de notícias. Mas, quem sabe, não haveria um brasileiro, algum dia, disputando as 500 milhas de Indianápolis? Ou vencendo a Mundial dos Campeões de Fórmula 1? Ou levantando a taça do Grande Prêmio da França? E ele lá? Enviado especial e especialista no assunto?

Amarrado nesse sonho, encheu-se de coragem e foi pedir emprego no grande jornal. Levava numa das mãos o diploma de jornalismo e na outra, um belo projeto gráfico sobre automobilismo, meio chupado de uma revista norte-americana.

A sala do editor era outra, num prédio no centro da cidade. Tinha o teto alto e as paredes pintadas de cinza. Era pequena e abafada. Talvez parecesse maior se fosse retirado dali aquele amontoado de caixas, caixotes, pilhas de jornais e pastas, espalhadas sobre arquivos, mesas e cadeiras. Precisou pedir licença para livrar o assento de uma delas e esperar, sentado, enquanto o editor de esporte passava os olhos pelo seu projeto.

_ Então você gosta de automobilismo. E o que você sabe sobre o assunto?

Ele, então, se pôs a falar sobre circuitos, autódromos e campeões estrangeiros. Falou sobre o Circuito da Gávea e revelou-se um excelente biógrafo de Manuel de Tefé e Chico Landi.

_ Esporte de ricos, meu rapaz. Carros importados, dinheiro financiado pelos pais, abastados barões da indústria e do café. Nenhum Silva há entre eles.

_ Bem, tem um Silva despontando no automobilismo, retrucou, querendo morrer por ter dito isso.

_ Quem?

_ Hânnn...um tal de Ayrton Sena... da Silva.

_ Ganhou o quê?

_ Foi campeão o ano passado e recebeu, esse ano, o prêmio paulista de...kart.

O velho jornalista não disse nada nem precisava. Seus olhos chispavam fagulhas de desprezo. O jovem corou, abaixando a cabeça, envergonhado. Talvez tenha sido esse gesto de humildade de “rato jovem oferecendo o pescoço para o outro morder em sinal de rendição” que o tenha livrado de ter sido posto para fora imediatamente.

Assim, viu com alívio o editor recostar-se na cadeira, trançar as mãos na nuca e falar, como se pensasse alto:

_ O futebol, meu rapaz, vende até quando o time do coração perde de goleada! E continuou falando por horas inteiras sobre uma gente guerreira, varonil, saída de lares humildes, quase sem estudos. De uma horda de subnutridos; valentes e ingênuos peões que faziam fila para serem escolhidos por algum treinador e sagrados cavaleiros do rei. O rei era o clube que embolsava um bom dinheiro sobre todos eles, mas que só pagava _ quando pagava _ a alguns.

Da galeria dos mitos, ele resgatou uma Odisséia ainda sendo escrita com muito sangue, suor e garra. Aos heróis desse fantástico universo ele deu poderes, dons e talentos transpessoais de força, espírito de luta, determinação e muita criatividade. Criatividade, no entender dele, eram qualidades que, num ser humano comum, seria tido como defeitos inomináveis.

Mas havia tanto fogo no olhar e paixão na voz do editor, que ele não viu nada mais importante a fazer na vida do que aceitar a tarefa hercúlea de participar dessa aventura, a troco de um estágio não remunerado, prometendo esforçar-se ao máximo e lutar valentemente para, um dia, receber a merecida recompensa de sua efetivação.

Sorrindo, sentindo saudade daquele velho pilantra, inclinou-se sobre a folha em cima da escrivaninha. Leu alto para sentir o efeito:

GUERRA DA TORCIDA INVADE O CAMPO E O “MATADOR” É FERIDO DE MORTE

No alto da página assinou a chancelaria de IMPRIMA-SE .

Este estudo abrangeu parte do mês de setembro, outubro, novembro e parte do mês de dezembro de 1996 .

Os veículos de comunicação que serviram de base para ele foram, principalmente, o jornal paulista “O Estado de São Paulo” e, a nível nacional, a rede Globo de televisão . Outros jornais estiveram sob observação, como a Folha de São Paulo e o jornal regional O Correio popular . Outros canais de televisão tiveram, também, o seu jornalismo esportivo analisados, como TV Bandeirantes e SBT.

Relação das Metáforas mais usadas no cotidiano do (da) jornalista esportivo

arma, arrasar, ataque(ar), bate(r), bomba, briga(r), chute fatal, combate, decepcionar (ante), derrota(r) dupla infernal, de frente para o crime, desprezo(ado), enfrentar, fracasso(r), guerra(r), humilhação(ado), inimigo, luta(r), matador, medíocre, mediocridade, pega(r), raúdo, rejeitado, rouba(r), vexame, vingança, vítima, xerife-da-área.

Revelações sobre essa linguagem

1- Para a imprensa esportiva, raramente os clubes jogam uma partida. Eles costumam:

Se atacar

Se bater

METODOLOGIA

Veículos de Comunicação Estudados

Este estudo abrangeu parte do mês de setembro, outubro, novembro e parte do mês de dezembro de 1996 .

Os veículos de comunicação que serviram de base para ele foram, principalmente, o jornal paulista "O Estado de São Paulo" e, a nível nacional, a rede Globo de televisão . Outros jornais estiveram sob observação, como a Folha de São Paulo e o jornal regional O Correio popular . Outros canais de televisão tiveram, também, o seu jornalismo esportivo analisados, como: TV Bandeirantes e SBT.

Relação das Metáforas mais usadas no cotidiano do (da) jornalista esportivo

arma, arrasar, ataque(ar), bate(r), bomba, briga(r), chute fatal, combate, decepcionar (ante), derrota(r) dupla infernal, de frente para o crime, desprezo(ado), enfrentar, fracasso(r), guerra(r), humilhação(ado), inimigo, luta(r), matador, medíocre, mediocridade, pega(r), raçudo, rejeitado, rouba(r), vexame, vingança, vítima, xerife-da-área.

Revelações sobre essa linguagem

- 1- Para a imprensa esportiva, raramente os clubes *jogam uma partida*. Eles costumam:

Se atacar
Se bater

7- O jogo é caracterizado como:

Brigar
Combater
Se enfrentar
Guerrear
Lutar
Se pegar

2- O time que *perde a partida*, aparece na imprensa como:

8- O jogador(a) que não foi escalado para o time, ou que ficou na reserva, normalmente:

O derrotado
O fracassado
O humilhado

Rejeitado

3- O vencedor não ganha: ele *rouba* o título ou *se vinga*.

9- Os jogadores não jogam: eles "arrasam", dão "chutes fatais", formam "duplas infernais", "ficam de frente para o crime", são

4- O jogo que não agrada ao jornalista foi:

Medíocre
Um vexame
Decepcionou
Decepcionante

5- O jogador (a) é comumente taxado de:

O matador
O reforço
A arma
A bomba

6- Um time quase sempre é: O inimigo ou A vítima

7- O jogo é caracterizado como:

- A batalha
- A briga
- O combate
- A guerra
- A luta
- O pega

8- O jogador(ora) que não foi escalado para o time, ou que ficou na reserva, normalmente foi:

- Desprezado
- Rejeitado

9- Os jogadores não jogam: eles “arrasam”, dão “chutes fatais”, formam “duplas infernais”, “ficam de frente para o crime”, são “raçudos”, “xerifes-da-área”.

DISCUSSÃO & SOLUÇÃO

(Ou uma séria tentativa de)

Em maio de 1996, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, publicação quadrimestral da entidade científica CBCE_Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte_ editou uma profunda reflexão do Prof. Mauro Betti _ Prof.Assistente do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro, intitulada “A televisão e a Guerra do Pacaembu: povão versus cidadãos. Nesse artigo, o Prof. Mauro Betti salienta_ entre outras reflexões muito bem fundamentadas em trabalhos teóricos de reconhecidos cientistas sociais_ os perigos do uso inconsciente da linguagem metaforicamente bélica pelo jornalista esportivo.

No dia 20/8/95, durante um torneio de júniores, no estádio do Pacaembu, aconteceu um conflito entre torcidas organizadas, que foi transmitida ao vivo, e onde um rapaz de 16 anos faleceu devido à pancada desferida em sua cabeça por outro jovem, seu agressor direto. O agressor foi identificado, apresentou-se à polícia e estava preso até a data da publicação da revista.

Devido à esse fato, também, a FENAJ _Federação Nacional dos Jornalistas_ com sede em São Paulo/Capital, promoveu um encontro entre os profissionais da mídia esportiva (Jornal, Rádio e TV) para identificar e corrigir alguns erros de conceituação sobre os deveres de um profissional de imprensa. A linguagem metafórica foi tema desse debate.

Depois disso, os profissionais da mídia televisiva passaram a ter mais cuidado com as palavras proferidas por eles. E mais nada, porque evidentemente, não poderiam proibir que elas fossem pronunciadas pelos (as) atletas, técnicos, dirigentes; enfim, por todo o universo esportivo que se utiliza desse vocabulário tradicionalmente. O jogo é uma das atividades culturais mais antiga da humanidade. Era o substituto da guerra em tempo de paz.

Mas o poder da palavra na imagem em ação, é ainda desconhecido da maioria dos editores-de-imagem. Cinema, deveria ser uma das disciplinas a ser estudada na faculdade de jornalismo. E sobre isso falaremos adiante.

Sobre aquele episódio , a imprensa escrita e o rádio absolveram-se de qualquer culpa, pois ficou bastante claro que a CAUSA da violência está na falência das instituições, dos poderes, do desemprego, do cinismo e da hipocrisia com que as coisas públicas são conduzidas pelos governantes, e não do efeito direto do uso de palavras com conotação beligerante.

A televisão foi a única a reconhecer seu poder de penetração, e de “reproduzir, ampliar e justificar a violência”, nas palavras de Mauro Betti, cujo “insight” lançou luz sobre as razões da nossa insensibilidade urbana. Sobre a repercussão do episódio em nossos sentidos, diz ele :

“A repetição exaustiva das cenas do Pacaembú, uma vez, e outra vez, e mais uma vez ainda, em todos os canais, por diversos dias, fez com perdessem o impacto; quase enjoamos de assistí-las, como já nos cansa ouvir falar de políticos corruptos, mortes, assaltos, inundações, terremoto, pobreza.

Corremos o risco de perder a capacidade de nos indignarmos.”

Para completar essa pauta de horrores, verdadeiramente praticada pela imprensa, devo acrescentar o assunto do narcotráfico, dos movimentos dos sem-terra, sem-teto, sem-emprego, meninos de rua, polícia despreparada, impunidade...

E a Tv, quando nos insere no contexto geral do planeta, mostrando que “também lá longe” há terremotos, enchentes, problemas com a política, com a economia, com a violência urbana, etc e tal, consegue um biofeedback tipo “tiro-pela-culatra”: ao invés de sossegar-mos por não estarmos sós na infelicidade, acabamos pensando que não há saída, que o ser humano enlouqueceu, que o planeta é hostil e que a vida é isso que nos é mostrado.

Nem essa é a vida nem o planeta é hostil, mas é preciso ter uma mente muito bem organizada para reconhecê-lo.

O jornalista tem o dever de manter sua mente aberta e organizada. E de usar sua sensibilidade, porque seu trabalho é “falar” no lugar do cidadão comum.

A imagem em Ação

Para se entender, verdadeiramente, o poder da imagem em ação, um pequeno e divertido exercício de visualização pode ser praticado, tendo como tema a entrevista feita pela tv, de 2 menores agressores, detidos pela polícia logo após o incidente do Pacaembú. Na tela, frente à um repórter e tendo às suas costas uma

fileira de policiais, os garotos falaram do hábito da “galera” de sair em turma, procurando briga.

Repórter_ E se tiver que matar, você mata?

Garoto _ Depende da ocasião.

Durante toda a entrevista, os garotos mantiveram-se sorridentes, tranquilos, confiantes.

Na mente do telespectador a resposta do entrevistado se alia à pergunta do repórter e a mensagem final é essa: “Dependendo da ocasião, se tiver que matar eu mato!” O que tem um peso muito maior, como mensagem, do que apenas “Depende da ocasião”.

Do outro lado da tela, o que REALMENTE viu o (a) adolescente que ainda não faz parte da “tchurma” ou que, por algum motivo, não pode segui-la até o Pacaembú?

Ele (a) viu 2 companheiros de geração, de nível social, cultural, aquisitivo, idênticos. Viu a liberdade dos garotos sendo exercida na fala sincera, na segurança da voz e dos sorrisos, na livre ação e no livre pensamento. O(a) adolescente telespectador provavelmente reagiu à entrevista erguendo o braço e a voz, em apoio (o brado de guerra):

_ Aí, bróder (brother)! “Vamo” nessa!

E agiria assim, mesmo estando os pais presentes. Porque a imparcialidade do repórter e a passividade dos policiais, não é bem assimilada como civilidade e sim, como impotência dos poderes. Essa “impotência” tira dos pais o reforço que eles precisam para educar, “dar juízo” aos filhos. A resposta do adolescente frente ao que “percebe” do mundo, contraria o que ouve os pais repetindo e repetindo. Para ele, os pais são “caretas”, vivem no passado, “tem nada a ver, ó”.

Agora, o exercício divertido de imaginação. Visualize esta cena: logo depois da última palavra do jovem entrevistado: “Depende da ocasião”, um pai ou uma mãe entra em frente das câmaras, dá uns cascudos leves no garoto, pega-o pelas orelhas e o tira dali. Em “off” sua voz zangada, dizendo “Mata coisa nenhuma, seu fedelho! Você vai é ficar trancado em casa até o próximo milênio!”

Seja sincero(a). Você sentiu alívio e respeito por essa mãe ou pai, não foi? E os leves cascudos e puxão de orelha não ofendeu sua consciência sobre os direitos humanos do adolescente. Do outro lado da telinha, o(a) adolescente sentiria a mesma coisa. Provavelmente lançaria uma olhada rápida para a cozinha antes de abaixar o som da tv. Se os pais estivessem junto nesse momento, o(a) adolescente permaneceria mudo, imóvel, disfarçado de “coqueirinho no vaso”, como eles costumam dizer.

A intervenção do adulto responsável pelo garoto teria sido uma grande sorte. Mas nós, jornalistas, não podemos ficar esperando por ela. Neste caso, o editor experiente e sensível, usaria somente as imagens que não favorecessem os garotos e, de preferência, editaria a notícia apenas com a locução do apresentador. Este, com a “cara fechada” (a imagem em ação) ou usando um tom reprovador na leitura das frases dos meninos, transmitiria os sinais éticos necessários para neutralizar os efeitos nocivos das palavras ditas pelos entrevistados.

Linguagem Extensional

Durante parte do mês de setembro até meados de dezembro de 1996, quando concluí minhas observações, pude constatar que, “baixada a poeira”, as Tvs voltaram a utilizar os termos beligerantes relacionando-os com o esporte, tanto quanto continuaram e continuam fazendo os jornais e o rádio. Talvez eles tenham percebido, como eu percebi, que esses termos já fazem parte do nosso vocabulário cotidiano. Não só nosso, brasileiros, mas de todo o planeta. Usamos palavras de cunho violento fora do contexto da informação violenta: linguagem extensional.

“Vou *lutar* para que nosso *amor* não morra.”

“Você precisa *combater* essa falta de *visão*.”

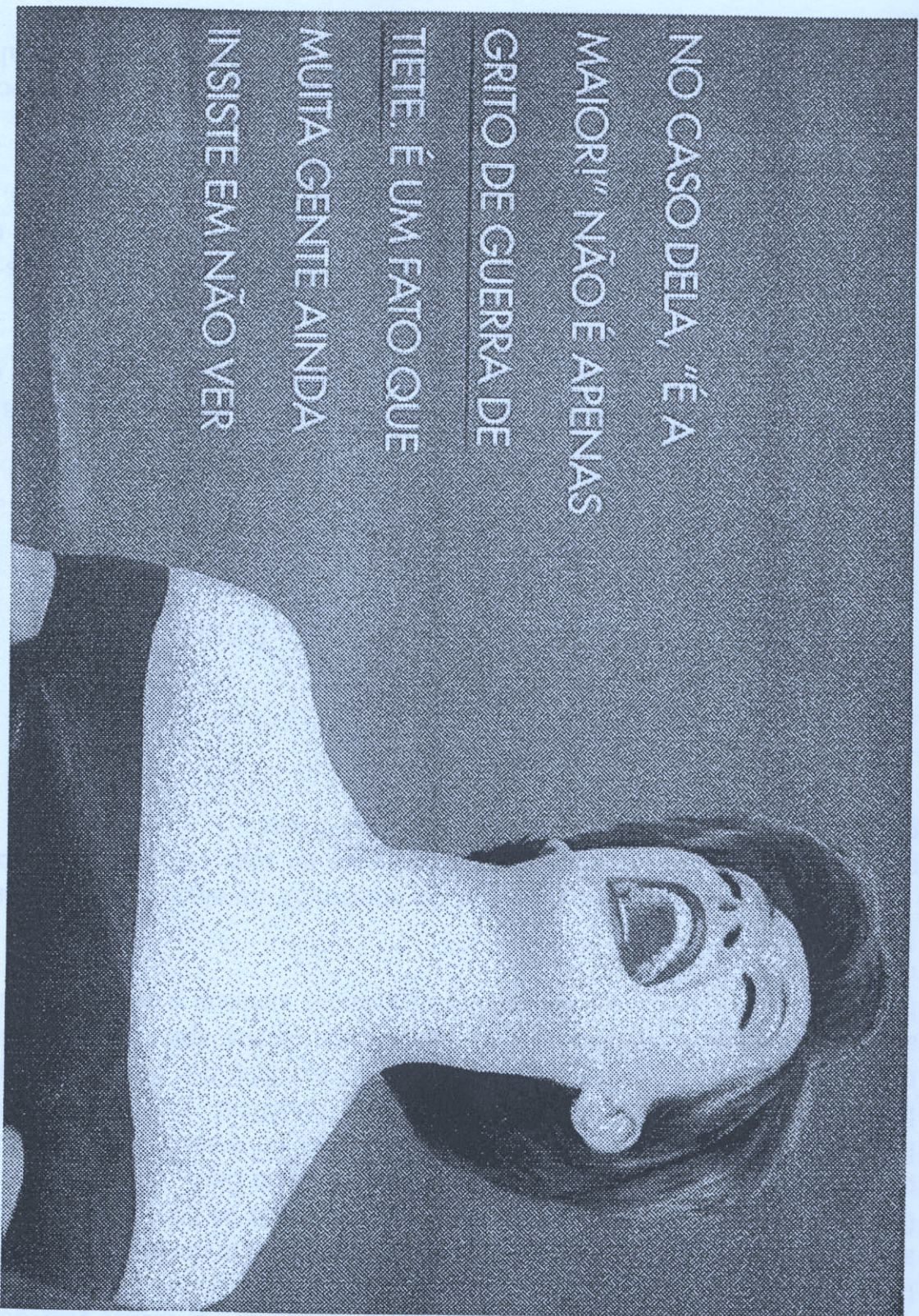
Eu mesma, apesar de estar mais atenta com as palavras, não posso prometer que não cometerei deslizes. A qualquer momento posso me *pegar* dizendo que irei *enfrentar* uma dieta de frutas... a partir de 2a.feira, é claro!

Na revista “ELLE”_ publicação dirigida à um público feminino de elite _ em junho de 1996, estampou-se, ao lado da foto da “show-woman” Cláudia Raia, a seguinte chamada: “No caso dela, “É a maior!” Não é apenas um *grito de guerra* de tiete.”

Nas Tvs, durante a apresentação de desfiles de moda _ seja no telejornal, nos programas femininos ou em talk-shows_ coleções foram metaforizadas como *a bomba* que caiu no mundo da alta-costura.

O movimento “Reage São Paulo”, com o apoio da Rádio Bandeirantes _ premiado como o veículo de comunicação do ano_ encartou nas revistas,

NO CASO DELA, "É A
MAIORI" NÃO É APENAS
GRITO DE GUERRA DE
TIETE. É UM FATO QUE
MUITA GENTE AINDA
INSISTE EM NÃO VER



publicou nas páginas esportivas dos jornais e distribuiu folhetos nas ruas, em setembro de 1996, com os dizeres “Vamos *combater* a violência com um abraço.”

“Abracemo-nos contra a violência.” ou “Vamos responder à violência com o nosso abraço.” teria sido uma mensagem mais lúcida. E menos mal que se tivesse decidido usar a paz de um carinho como recurso contra a violência, pois a maior incongruência do ser humano, passada ao homem desde o episódio d’A Guerra No Céu, contada na Bíblia Sagrada, é a de que os bons continuam bons quando lutam contra o mal. Claro que não. Os Anjos do Bem, quando usaram da força, foram violentos, e só aumentaram a horda do maus. Assim como os inquisidores, que usando ferramentas e tramas maléficas, mostraram-se muito mais perversos do que suas próprias vítimas. O mocinho que mata o bandido é assassino e ponto! Mesmo que as instituições sociais aprovelem essa “saída honrosa” ou de que nossas mentes desorganizadas atenuem o fato como sendo um “ato de justiça”.

Em fevereiro de 1997, a Prefeitura de Sumaré/SP divulgou um comunicado, pela EPTV-Campinas, levando ao conhecimento de seus cidadãos que o novo prefeito estava *lutando* pelos seus (dos cidadãos) direitos.

A Publicidade e sua visão do futebol

Em dezembro a Petrobrás financiou uma campanha contra a violência no trânsito, ocupando os melhores horários, em todos os canais, para dizer que (mensagem auditiva e visual) “Brigar, só pela bola!”

O que a Petrobrás teria como objetivo, seria o de lembrar aos motoristas em viagem de férias de que os postos da Petrobrás existem. Entretanto, o que realmente fez, foi reafirmar na mente de cada cidadão, de qualquer idade, de qualquer sexo, de que *briga* e *bola* se relacionam muito bem.

E não só isso. Porque usa o nome e as cores do país no seu logotipo, a mensagem de apoio às brigas no campo de futebol tornou-se mensagem oficial do governo.

Em 13/02/97 um agência de publicidade veiculou uma propaganda sobre produtos esportivos pela rede Globo, em que se amenizava o fato dos brasileiros terem perdido a Taça Davis de tênis, dizendo que o “O futebol seria a nossa vingança.”

A vingança é um prato que se come frio

No dia 10/11/96, no estádio das Laranjeiras/Rio, o jornalista esportivo do jornal O Dia, João Luiz Albuquerque (Capa), que também é (ou era?) Membro do Conselho Deliberativo do Fluminense, entrou em campo para chutar jogadores do Atlético-Paranaense. Não teve como desculpar-se: sua trajetória criminoso foi totalmente filmada. Nesse episódio, quase perdeu a vida o goleiro Ricardo Pinto.

Em 03/11/96 o jornal O Estado de São Paulo publicou a foto do jogador Viola na 1a.página da edição de domingo, com a manchete escrita em letras garrafais: “VIOLA NO PALMEIRAS, CORÍNTHIANS É INIMIGO”

Tal chamada, estampada na 1a.página de um grande jornal e em sua edição dominical, é o mesmo que chamar o bruto para a luta. É provocação! Os (as) jornalistas políticos já se acostumaram a serem punidos, detidos, vigiados, despedidos ou somente “ de levar um carão” do seu editor por ter posto o jornal em uma situação comprometedor junto às autoridades constituídas. Essa experiência ainda não foi vivenciada pelo (a) jornalista esportivo porque o esporte, na hora de se procurar responsabilidades, é visto e aceito como sendo somente jogo, entretenimento. O mal está naquele que interpreta a palavra. O torcedor, sem ter os mesmos recursos de defender a honra do seu time como o(a) torcedor(a) jornalista tem, toma-se de ira e sai batendo naquilo que estiver à frente. Para ele, foi o Viola quem disse para o(a) jornalista que o Corinthians era inimigo. E se sente frustrado, desvalorizado, também, porque o seu time perdeu um campeão. A possibilidade das torcidas se enfrentarem, do atleta ser agredido ou da situação do jogador ficar péssima entre os velhos companheiros _que vão se sentir rejeitados_ e com os novos _que não vão confiar nele_ é latente. É uma “bomba” que pode explodir a qualquer momento.

Que a situação do jogador Viola não está agradável junto aos Gaviões da Fiel, deu para perceber nas entrelinhas de uma entrevista concedida à TV , dias antes do carnaval. Apesar da insistência do repórter, Viola não quis comentar os motivos que o levaram a afastar-se do carnaval paulista. Medo de se expor demais?

De Rey condena 'neurose' que derrubou Parreira

Presidente do São Paulo, inconformado com o resultado técnico, criticou "os que agem de forma ridícula"

TUCA PEREIRA DE OLIVEIRA

As promessas foram muitas, feitas e de imediato cumpridas. E os filhinhos, Carlos Alberto e Patrícia, desceram a despedida às costas do Sôco Paulo, depois de um encontro breve o diretor de Palestra Júlio Bordini, entrou pela mancha, levantou-me com os braços estendidos em recolhendo o Sôco Paulo e o menino, o presidente, Fernando Casati, de Reg. O Sôco a pé, estava "a sair da rede" de propensão que caberia em parte da tripulação, incluindo "a" pilotos, "que seriam possíveis representantes de uma das forças, oficiais". E Carlos Alberto, o irmão a parte,

no ser o de lançamento da Santa Cruz, despois de dois jogadores e do campeão negro, e, apesar das críticas, não converteu-se em a torcida, limitando-se a pôr para as arquibancadas e imbuída para torcer. De oficial, se deixava um campeão histórico pelo assessor de imprensa, Mauro Medeiros, onde se encontra, no lado de presidente Cassel da Fgf, as adversidades que o impediram de desdobrar a competição e também programando.

Excludendo — Mas Pereira deu uma contravenção pela manhã, quando já estava no estádio, processando com o técnico. Além do Fluminense, um clube do Japão e três grandes da seleção também eliminados. Ambos já o procuraram para que possa continuar seu trabalho técnico.

bettrira, portun, aundn nãu dech-



Para uma consulta ao *cadê de dirigentes* *sta-paulinos*, mas quis elegar no *despêdida*. A *diretoria* *agru com integridade total*?

tomar divórcio e sua classificação para a próxima fase do "Controle e pensar na vida", que ele viveu a diferença antecedeu a sua saída do estu-
do.

Reflexões — Durante boa parte de 1945, mesmo buscando se entretém e desviar a confusão que começava a sentir, ele confessou que continuava sem entender direito a mente etimológica que vivia na carreira. "Eu não queria ir embora, o São Paulo não queria que eu saísse, mas as coisas foram maiores do que eu podia argumentar."

Diz-se, também, que os tipos é presidente do São Paulo a vontade para denunciar o respeito que jamais pedira abastecimento do clube, sem nem mágoa nenhuma dos dirigentes do São Paulo, que agrava com ingratidão total", alegou. "Se não me portaram as pressões que existiam dentro e fora do clube contra mim?"

No fim — Ao contrário de muitas informações, segundo as quais o escritor voltara para o Rio, na primeira reportagem, Pimenta explicou, em seu fim, naquele dia, pela manhã, e se sentiu o mesmo e tarde para ir ao trabalho de treinamento. Ele deixou o resto das pessoas com quem ficou para conversar com os porteiros e visitantes do fim e não acordou a manhã seguinte.

Mercado de Baixo receber um carro do Rio para entrega, todo encimado de um São Paulo, Carlos Alberto da Silva, diretor de vendas da Flaminha, em uma comemoração. Depois de chegar à Capital, Flaminha, estará no Rio para participar da festa de aniversário de 100 anos dos famosos filhos, Domingo, voltará a São Paulo e, na segunda-feira, fará o lançamento, inaugural de um novo produto.

As empresas jornalísticas brasileiras correm o risco de, futuramente, serem responsabilizadas pelo atentado ao jogador ou à família dele. As provas de que o público foi “atido” estarão impressas no jornais ou gravadas em vídeo.

Mesmo um megagrupo financeiro não suporta o prejuízo de milhões em pagamento das indenizações que, certamente, serão exigidas. E serão exigidas não só por populares diretamente atingidos pelos “pegas”, mas também por clubes, empresas de ônibus e prefeituras dos locais onde o “quebra-quebra” da turba enfurecida deixou suas marcas demolidoras.

E não é somente no uso das metáforas bélicas que o jornalista está se comprometendo para o futuro. Ele(a) *ainda* se dá o direito de excluir de seus comentários o clube menor, mas que venceu, porque *ainda* acredita que “futebol vende, mesmo quando o clube do coração perde”. Dessa forma, ele(a) consegue atrair para si o ódio dos dois lados, porque aborrece o grande chamando-o de “fracassado” — e que seu jogo foi “um vexame”, uma “mediocridade” — e aborrece o pequeno, do qual tirou a chance de ser publicamente reconhecido.

O(a) jornalista esportivo peca, também, quando interfere diretamente na tomada de decisão dos técnicos, clubes e dirigentes. Se a imprensa não gostar, o atleta ou o técnico “são mudados” (ilustração na pag.anterior). Esse tipo de interferência, que atinge diretamente a vida do profissional do esporte, será rapidamente resolvida na forma da lei.

Nessa editoria, portanto, fica valendo a regra geral para a elegância, onde “menos é sempre mais”.

Questão de Percepção

O filme “Ponto de Mutação”, de Bernt Capra é uma dramatização feita à partir do livro do mesmo nome, de autoria de Fritjof Capra, físico-quântico-relativista, que já veio ao Brasil por 2 vezes nos últimos 10 anos. Em determinado ponto da ação o político pergunta à cientista:

— E então, Sônia, como é possível mudar tudo de uma só vez?

— Mudando a nossa maneira de pensar, diz ela. A nossa crise é de percepção.

Em 1995, o Prof. Mauro Betti escreveu que “a televisão tem a capacidade de conferir uma dimensão social aos acontecimentos, e de alargar nossa percepção”.

Impasse desconcertante, porque ambas as afirmações têm respaldo em vários trabalhos já feitos em sociologia, psicologia, psiquiatria, economia e outras disciplinas. E se a nossa crise é de percepção e os meios de comunicação ampliam uma falsa percepção de mundo... qual a saída? Qual o caminho?

À Procura do TAO

Em meados dos anos 80 os(as) profissionais “de visão” eram “caçados” pelos Headhunters dentro das empresas onde trabalhavam. Esperava-se que esses “visionários” pudessem ver no futuro longínquo as necessidades de consumo das pessoas. As mega-empresas queriam tempo para se preparar para esses consumidores. A “visão” de alguns, transformou-se em pesadelo para muitos. E as mega-empresas tiveram que amargar macros-prejuízos no lugar dos macros-lucros que esperavam obter. Indenizações pesadíssimas foram computadas contra esses macros-poluidores de ar, água e solo (Nos países do terceiro mundo esse tipo de crime ainda não foi punido) . Mas o mal já estava feito e futuras gerações, além da nossa, deverão adaptar-se ao mundo artificial que nos oferecem. Megainvestimentos nos restituem o prazer de brincar na água do rio ou do mar. O que era antes um passeio gratuito, junto com a família, agora custa R\$ 20,00 por pessoa, mais o lanche e o transporte. Sempre existirá uma saída lucrativa para os grandes erros de percepção.

As grandes instituições, as empresas produtoras de bens de consumo ou de serviços, entretanto, já se movimentam há alguns anos, atrás do(a) profissional “sensível”. Os mais bem sucedidos programas de gerenciamento humano levam uma proposta nova às empresas: verem seu “staff” como **humanos-com-recursos** e não mais como **recursos-humanos**.

A base desses programas é a revelação de que a consciência humana existe e que se expande, quer queiramos ou não. Entretanto, ela não escolhe o que deve projetar: esse é um assunto nosso, de livre-arbítrio.

Nós somos sistemas auto-organizadores. A vida é auto-organizadora. Auto-organização significa manter-se conectado, conservando-se íntegro e renovando-se com criatividade.

Criatividade = Criar + Atividade = Pensamento Em Ação

Parte da nossa percepção de mundo, já é formada durante o nosso nascimento, no canal uterino de nossas mães, conta-nos Stanislaw Grof. Segundo ele, durante toda a nossa vida reagiremos de acordo com os nossos próprios sistemas COEX na percepção do(a) outro(a). Em nossas atitudes e palavras, revelaremos as projeções do nosso próprio inconsciente sobre o mundo que nos rodeia. Estaremos, também, sujeitos às projeções do(a) outro(a) sobre o nosso mundo.

Criatividade pode ser o pensamento maléfico em ação. Saber que estamos conectados uns aos outros, de maneira dependente e criativa, é manter a consciência pré-disposta à expandir-se de maneira benéfica. Para o nosso próprio bem e para o bem do(a) outro(a). E parece ser a única forma de mudar **tudo** de uma só vez.

A nossa saída é o caminho da transcendência. O TAO é transcender.

E o paradoxo se inicia com a conscientização de que não existem modelos, apesar de sentirmos tanta falta de bons modelos. Mas, por melhor que sejam, fazer igual a eles é somente copiar e não **ser**. A transcendência, o salto quântico, as ligações neuronais entre os restantes 90% de potencial criativo ainda não usados pelo nosso cérebro é um trabalho que cada um de nós tem que fazer consigo próprio.

Meu raciocínio simples, sobre projeção, talvez ajude àquele(a) que deseje iniciar a busca do seu EU melhor. É assim:

Se a nossa percepção é a sombra(projeção) do que realmente somos, então estamos projetando uma imagem bidimensional de nós mesmos, confiantes de que isso é **tudo** o que somos. Mas o que sabemos sobre sombras, é que elas diminuem em uma qualidade o ser projetado na parede ou no chão, por exemplo. Eu, ser tridimensional (altura,largura,espessura) projeto uma imagem bidimensional (altura e largura) de mim mesma. Assim como eu projetei uma sombra, menos qualificada, talvez eu seja a projeção, menos qualificada, de um ser qualificado de mais uma dimensão; o qual, por sua vez, também, é uma projeção de outro e assim por diante, até chegar no ser único que projeta múltiplos raios, como o sol.

Então, o exercício a fazer, é **transcender = ascender, transpondo** a barreira do nosso pensamento limitado, imaginando-nos de posse do tempo, que é eterno. Qualificados de mais essa dimensão _ agora somos quadridimensionais, pelo menos para fins de exercício_ transportarnos-emos até o útero da nossa mãe, se quisermos, facilitando o nosso parto. Podemos ver-nos bebê e brincar conosco. Podemos falar com a menina ou com o menino que fomos, ensinando-nos alguns truques (qualidades atuais) para passar melhor por esse ou aquele episódio mais difícil. Podemos qualificar todo o nosso passado com as nossas qualidades de hoje, projetadas para trás no tempo. Ou iremos para o futuro. Lá, viveremos tudo o que desejamos viver, ter e ser. Podemos transportar essas qualificações para o nosso presente, melhorando-o aqui e agora.

Penso que quando abrimos a nossa mente para um pensamento criativamente benéfico assim, o universo conspira a favor, favorecendo as condições do nosso caminhar. E sei que outras mentes já tentaram introduzir-nos nesse caminho.

“Aquele que cria, disse Marcel Proust, tem a chave do seu próprio destino.”

*

Sampdoria e Milaa lutam pela reabilitação

(Caderno de Esportes d'O Estado de S. Paulo - 15/9/96)

Hill é desprezado às vésperas de um possível título

(Caderno de Esportes d'O Estado de S. Paulo - 15/9/96)

Muster sofre para ir às semifinais no torneio de Bogotá

(Caderno de Esportes d'O Estado de S. Paulo - 15/9/96)

*REPLAY DOS 'MELHORES MOMENTOS'
DO JORNALISMO ESPORTIVO
DE UM GRANDE JORNAL
EM UM MESMO DIA*

Vôlei e basquete trazem *reforços* de vários países

(Caderno de Esportes d'O Estado de S.Paulo - 15/9/96)

Sampdoria e Milan *lutam* pela reabilitação

(Caderno de Esportes d'O Estado de S.Paulo - 15/9/96)

Hill é *desprezado* às vésperas de um possível título

(Caderno de Esportes d'O Estado de S.Paulo - 15.9.96)

Muster *sofre* para ir às semifinais no torneio de Bogotá

(Caderno de Esportes d'O Estado de S.Paulo - 15.9.96)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Mentes Consultadas:

- 1 - Como Vejo o Mundo/Albert Einstein - Ed.Nova Fronteira -1981
- 2- Psicanálise da Sociedade Contemporânea / Erich From - Zannar Editores - 1970
- 3- Além do Cérebro/ Stanislav Grof - Mc Graw-Hill - 1987
- 4- Ponto de Mutação/ Fritjof Capra - Ed.Cultrix - 1982
- 5- Mitos Organizacionais/ Roberto Ziemer - Ed.Atlas - 1996
- 6- O Essencial do TAO/Thomas Cleary - Ed.Best Seller -1991
- 7- I Ching, O livro das Mutações/ Richard Wilhelm - 1989
- 8- Futebol Evolução/Moreira, Pellegrinotti e Hebling - UNIMEP - 1992
- 9- Perfís de Jornalistas / J.Marques de Melo e C.E.Lins da Silva - FTD - 1991
- 10- A Linguagem no Pensamento e Na Ação/ S.I.Hayakawa -L.Pioneira - 1992
- 11- CBCE - Revista Científica/ Mauro Betti - Maio de 1996